

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO

Curso de Comunicação – Habilitação em Rádio e Televisão

Zenaide Pereira Brito

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER AFRODESCENDENTE NA
TELENOVELA BRASILEIRA.**

São Paulo

2016

Zenaide Pereira Brito

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER AFRODESCENTE NA TELENOVELA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Rádio e Televisão, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Júlio Sergi

São Paulo

2016

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO

ZENAIDE PEREIRA BRITO

**IDENTIDADE E RACISMO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER
AFRODESCENDETE NA TELENOVELA BRASILEIRA**

Trabalho apresentado pela aluna Zenaide Pereira Brito à Universidade de Santo Amaro – UNISA, como exigência parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Curso de Comunicação – Habilitação em Rádio e Televisão, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Júlio Sergi

Aprovada em __/__/____

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Marcos Julio Sergi

Universidade de Santo Amaro

Prof.

Universidade de Santo Amaro

Prof.

Universidade de Santo Amaro

DEDICATÓRIA

Eu dedico esta Monografia à pessoa mais importante do mundo para mim, que sou eu mesma ZENAIDE PEREIRA BRITO. Dedico a mim, por acreditar em mim, pela minha força e coragem e por acreditar em meu sonho e poder torná-lo possível todos os dias; pelas horas em que passei estudando. Eu nunca em momento algum me senti sozinha nesta empreitada, porque eu estava e estou comigo para o que der e vier, contando comigo sempre e me apoiando sempre. É isto ZENAIDE, que você quer! Vai lá que você consegue, eu te apoio, pode contar comigo! Porque se a gente não se apoiar não adianta os outros te dizerem palavras de incentivo. Se eu não acreditar em mim mesma, as coisas não acontecem. Eu acreditei. Vou acreditar sempre em mim, sendo a minha melhor amiga, porque a gente só pode contar com nós mesmos, pois tudo passa, até as pessoas passam, mas nós não. É eterno viver com você para sempre. Por este motivo é que sou uma ótima amiga para mim e é por isso que eu dedico a minha monografia para mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores da UNISA, no curso de Comunicação Social em Rádio TV, por terem dividido comigo o seu conhecimento neste curso em e especial ao professor e orientador Dr. Marcos Julio Sergl e ao Prof. Expedito Leandro, pela colaboração. Agradeço também a minha irmã Jaqueline Pereira Brito e ao meu colega Pedro Lopes, por sua colaboração. À Cida, funcionária do Estúdio de Rádio e TV, que sempre fez o possível para colaborar comigo, quando eu precisei de algo do estudo para meu curso. À minha colega de trabalho Lucila Furkawa, quando precisei faltar em época de prova, por trocar de horário comigo. À amiga Eliana do Carmo Oliveira Soares, por ajudar na montagem de minha monografia com preciosas dicas.

Nossa pretensão é de uma sociedade não racial. Estamos lutando por uma sociedade em que o povo deixará de pensar em termos de cor. Não é uma questão de raça; é uma questão de idéias.

(Nelson Mandela)

RESUMO

Esta monografia “Identidade e Racismo: a Representação da mulher afrodescendente na telenovela brasileira” tem como objetivo impulsionar a questão racial, abrangendo a história dos negros e a sua situação no Brasil atualmente, os negros após a abolição da escravidão e algumas políticas públicas e desigualdades raciais. A situação problema se deu pelo questionamento de como a mulher negra é representada na telenovela brasileira e pela ótica das representações sociais. Justifica-se a escolha do tema pelo fato de existirem poucos trabalhos que analisam em profundidade o objeto que levantamos, objetivando assim com a monografia contribuir para futuras pesquisas. Foram feitos levantamentos bibliográficos, bem como utilização de internet para a justificativa dos temas que foram apresentados. Escrevemos um breve histórico sobre a teledramaturgia e o espaço ocupado pelos negros, bem como a escolha das “Helenas” se deu pelo fato do autor Manoel Carlos ter escolhido uma atriz afrodescendente para interpretar este papel. A sociedade traz consigo o preconceito da própria sociedade, ou seja, a negritude é fadada à hipocrisia de um país miscigenado, onde em cada lar existe pelo menos um afrodescendente dentre seus entes familiares.

Palavras-chave: Identidade; sociedade; afrodescendencia; Helenas.

ABSTRACT

This monograph presents the theme Identity and Racism: the representation of Afro-descendant women in Brazilian soap opera, this work aims to boost the racial question, covering the history of black people and their situation in Brazil today, blacks after the abolition of slavery and some Public policy and Inequalities Race. The problem situation covered as a black woman is represented in the Brazilian telenovela and the perspective of social representations. Justified the choice of the theme because there are few studies that analyze in depth the object that raised thus aiming with the monograph contribute to future research. literature surveys were made, as well as use of internet for the justification of the themes that were presented. We cover a brief history of the soap operas and the space occupied by blacks, as well as the choice of Helenas is given by the miss of the author Manoel Carlos have chosen a african descent actress to play the role of Helena. The company brings the prejudice of society itself, ie, blackness is doomed to hypocrisy of a mixed-race parents, where in every home there is at least one african descent among your loved family.

Keywords: Identity; society; afrodescendencia; Helenas.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1.....	62
Figura 2.....	63
Figura 3.....	64
Figura 4.....	65
Figura 5.....	66
Figura 6.....	67

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO.....	11
II.	CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DOS NEGROS E SUA SITUAÇÃO NO BRASIL ATUALMENTE.....	17
	1.1. Os negros após a abolição da escravidão.....	22
	1.2. Políticas Públicas e Desigualdades Raciais.....	27
III.	CAPÍTULO II - BREVE HISTÓRICO SOBRE A TELEDRATURGIA NO BRASIL E SOBRE O ESPAÇO OCUPADO PELOS NEGROS AFRODESCENDENTES NA PROGRAMAÇÃO TELEVISIVA.....	30
IV.	CAPÍTULO III- COMPARAÇÃO DA “ <i>PERFORMANCE</i> ” DAS PERSONAGENS “HELENA” DE MANOEL CARLOS.....	40
V.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
VI.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
VII.	ANEXOS	62

INTRODUÇÃO

Pertencendo à grande área da produção de audiovisual, esta pesquisa destina-se a discutir a posição de atores afrodescendentes no contexto dos roteiros para o gênero da dramaturgia televisiva.

Observamos que os descendentes de africanos continuam a serem vistos pela sociedade como um elemento da população destinada à sujeição, seja como alguns exemplos que surgem nas telenovelas, nas quais os atores afrodescendentes continuam representando papéis serviçais como os de empregadas domésticas, garçons e mecânicos, entre tantas outras profissões subalternas. Evidencia-se que, ao longo das últimas décadas do século XX e neste início do século XXI, esta situação tem se modificado.

Entidades e organizações têm se manifestado a favor da igualdade racial e o governo tem instituído leis que dão privilégios às minorias. Contudo, no meio artístico, no momento da seleção dos elencos, os papéis serviçais ainda continuam sendo dados a pessoas de pele negra.

“Dois fatores nos chamam a atenção: 1)- a posição dos diretores de *casting* na escolha dos papéis no roteiro da telenovela; 2)- a *performance* exigida ao afrodescendente nos papéis a ele destinados.

O afrodescendente tem quase sempre uma participação secundária, e uma particularidade ressaltada e a fala que tem que ser com a voz suave, como se fosse um sinal de obediência e opressão. A oralidade enquanto *performance* é fator essencial nas narrativas, não apenas em mídias visuais.

Os brasileiros que gostam de novela, que têm ainda o costume de assisti-las, se envolvem com as tramas ao ponto de muitas vezes quererem imitar alguns artistas, usando um tipo de roupa parecido, cabelo, cor de batom. Principalmente as

mulheres procuram imitar as artistas e se estas não marcarem presença, se não for um personagem de peso, não são recordadas.

Por outro lado, nos lembramos com mais facilidade de atrizes negras que interpretaram uma empregada doméstica engraçada ou espalhafatosa ou que, por ventura, tenha representado papel de escrava, sendo martirizada.

Verificamos que as representações sociais nos revelam os significados de experiências culturais. Por exemplo, podemos considerar o negro como ser histórico, político e até social analisando, principalmente, suas relações com o mundo.

Mas devemos frisar que a imagem do próprio negro vem sendo construída e reconstruída ao longo dos anos em cima de desigualdade social e considerando o mesmo como uma classe subserviente, dominada pela classe dominante branca.

Uma das características de ser negro na nossa sociedade é viver em um padrão de vida inferior e com menos acesso a serviços de qualidade nas áreas de saúde e educação do que os brancos; mas, significa também pertencer à criminalidade, entre outros atributos negativos considerados inerentes a pessoas de ascendência africana.

Diante disto, a representação da mulher negra, e dos negros em geral, na teledramaturgia brasileira também é precária, como mostra a obra “A Negação do Brasil: O Negro na telenovela brasileira” (2004), na qual o autor Joel Zito Almeida de Araújo analisou telenovelas transmitidas entre 1963 e 1997, pela TV Tupi, TV Excelsior e Rede Globo.

Partindo do pensamento de Joel Zito, este projeto tem como objetivo, assim, como as obras que formam sua argumentação teórica, incentivar debates sobre a questão racial na mídia televisiva, em especial na teledramaturgia, pois este é, no Brasil, um dos principais espaços para construção de identidades, por se tratar de uma paixão nacional que envolve a sociedade, de tal maneira que contribuem para que esta seja uma formadora de opinião.

Temas sociais, como o racismo, são pesquisados e abordados de acordo com a ótica das teorias das representações sociais que, segundo Denise Jodelet (2005, p. 52),

“Enquanto sistemas de interpretação, as representações sociais regulam a nossa relação com os outros e orientam o nosso comportamento. As representações intervêm ainda em processos tão variados como a difusão e assimilação de conhecimento intra e inter grupal, as ações de resistência e de mudança social. Enquanto fenômenos cognitivos, as representações sociais são consideradas como o produto de uma atividade de apropriação da realidade exterior e, simultaneamente, como processo de elaboração psicológica e social da realidade”

A partir das representações é que são analisadas as condutas da sociedade em relação a indivíduos pertencentes a grupos distintos, como raça, religião e gênero. Para a produção deste trabalho serão analisados os aspectos de como a mulher negra é representada da telenovela brasileira dentre outras situações.

Entretanto, a escolha das “Helenas” de Manoel Carlos se deu pelo fato de a atriz Tais Araújo ter sido escolhida para interpretar a primeira “Helena” negra e jovem de uma obra do autor, e também por ser a primeira protagonista negra de uma novela de horário nobre da Rede Globo de Televisão. A análise será feita em comparação com outras “Helenas”, personagens criadas pelo autor, que sempre tiveram grande evidência e carisma para o desenvolvimento das tramas, por elas serem sempre interpretadas por reconhecidas atrizes brancas.

O que se quer com este trabalho é considerar como a personagem central da trama de Manoel Carlos foi representada em sua primeira versão negra abrangendo lados positivos e negativos dessa escolha.

Os problemas que levantamos referem-se à definição de como a mulher negra é representada na telenovela brasileira. Como ela é apresentada à sociedade e como esta a recebe? O afrodescendente é realmente discriminado na mídia televisiva dramática ou assume papéis concernentes a sua participação no processo evolutivo da sociedade brasileira? Há equiparação ou discrepância no salário do estafe branco e afrodescendente? Por que o afrodescendente tem sua fala pautada

na voz obediente, quase sussurrada? Há diferenças de tratamento por parte da produção de telenovelas entre os atores brancos e negros? O público reage de forma discriminatória em relação a atores afrodescendentes?

As hipóteses as quais chegamos são: pela falta de possibilidade de atuação em papéis de destaque, o estafe negro aceita papéis secundários para sobreviver, conforme nos mostra a obra “A Negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira” de Joel Zito Almeida de Araújo (2004); no Brasil, o preconceito não é abertamente afirmado, dificultando a elaboração de leis que favoreçam sua reversão; da mesma forma, não há clareza se há diferença ou não dos salários, bem como o registro em carteira para brancos e de *free lances* para negros.

Em função do processo de desvalorização da pessoa negra, os afrodescendentes recebem papéis subalternos, que exigem uma voz passiva, sem projeção ou imposição. A diferença de tratamento pela direção e pela produção fica nítida pelos papéis distribuídos entre o estafe da telenovela, isto é, a atriz negra é sempre a empregada, a vilã ou escrava pobre, e a atriz branca é sempre a protagonista, rica, inteligente e bem sucedida.

Por fim, o público está acostumado a ver as atrizes afrodescendentes sempre atuarem como personagens auxiliares, em papéis menores. A transformação nessa forma de encarar estas atrizes deve partir da direção e da produção dando ênfase e vislumbre à atuação das atrizes afrodescendente.

O objetivo geral busca impulsionar debates sobre a questão racial na mídia, em especial a teledramaturgia, pois este é, no Brasil, um dos principais espaços para construção de identidades, por se tratar de uma paixão nacional que atrai audiência e envolve a sociedade em diversos temas sociais.

O objetivo específico é definido pela observação se há diferença de tratamento nos papéis destinados às atrizes brancas e negras.

Justificamos a escolha do tema por existirem poucos trabalhos que analisam particularmente o objeto que levantamos. Pautamos a metodologia de nosso trabalho por meio da leitura de textos, livros, revistas, sinopses e resumos das telenovelas analisadas, artigos e testemunhos de atrizes afrodescendentes. Fizemos

uma comparação entre esses diversos textos. Assistimos a capítulos das telenovelas nas quais essas “Helenas” atuaram. Observamos as formas de interpretação, de performance visual e vocal, maior ou menor destaque na iluminação das personagens fundamentamos. A partir destes dados, cruzamos as informações e fizemos nossas reflexões.

Esta monografia pretende contribuir para o nosso crescimento profissional e intelectual, pois por meio dele pretendemos participar de simpósios e congressos, e até mesmo seguir para um projeto de Mestrado.

Há uma realidade muito mascarada na programação televisiva brasileira, na qual não há bom senso por alguns programadores e o que impera é a imagem do branqueamento, com poucas exceções no meio, como a atriz Glória Maria e Heraldo Pereira, ou Lázaro Ramos e Tais Araújo por exemplo.

Esta pesquisa resultou na presente monografia composta de introdução, três capítulos, considerações gerais e anexos.

No primeiro capítulo fazemos um levantamento da história dos negros e a sua situação no Brasil atualmente. O capítulo define, a partir de levantamento bibliográfico, a situação dos negros após a abolição da escravidão. Mostramos como o governo, com algumas políticas públicas, está agindo para reduzir este desequilíbrio na instituição de projetos e leis que não favorecem essa grande parcela da população e que, por falta de oportunidade, acaba integrando o grupo das minorias no Brasil.

No segundo capítulo, escrevemos um breve histórico sobre a teledramaturgia e a participação de negros afrodescendentes no Brasil e sobre o espaço ocupado por eles na programação televisiva.

No terceiro capítulo comparamos a *performance* de quatro personagens de Manoel Carlos, em especial a “Helena” negra, interpretada pela atriz Tais Araújo. Enriquecemos a pesquisa com imagens em anexo das “Helenas” e buscamos elucidar a dúvida sobre a ênfase dada a essa personagem e se o fato de ser negra influenciou em algum momento. Sem deixar de avaliar a questão da idade, que por

ser mais jovem e viver problemas diferentes das outras protagonistas, pode ter colaborado para seu destaque na trama.

Nas considerações finais, colocamos nossas reflexões a respeito dos dados levantados, quanto à veracidade de nossa hipótese.

CAPÍTULO I - A HISTÓRIA DOS NEGROS E SUA SITUAÇÃO NO BRASIL ATUALMENTE.

Neste capítulo apresentamos um breve percurso dos negros e sua situação no Brasil atualmente.

O Brasil é um país miscigenado biologicamente e culturalmente e ser negro é a escolha do resultado da identidade racial. Abrange um posicionamento político, ao assumir a identidade racial negra.

Quando se trata de escravidão é difícil não pensar nos comerciantes holandeses e nos portugueses, nas lotações dos porões de navios negreiros, onde negros eram escravizados e colocados à venda de maneira desumanizada e privados de todos os seus direitos.

Havia também os capitães de mato que os perseguiram, os quilombos que foram formados, de conceitos defendidos pelos abolicionistas e de muitos outros fatores ligados a este tema.

Neste sentido, vale ressaltar que as ponderações acima a respeito da escravidão são bem mais antigas do que o tráfico negreiro, vindo desde o começo da nossa história, quando os povos vencidos em guerras eram escravizados por seus conquistadores.

Vale dizer ainda que muitas civilizações se utilizavam do trabalho escravo para a execução de tarefas pesadas e rudimentares. Exemplos disso foram às civilizações grega e romana.

No Brasil, a escravidão iniciou-se com a produção de cana de açúcar no século XVI. Os portugueses traziam os negros de suas colônias na África em porões

amontoados e acorrentados, para depois usufruírem de sua mão de obra escrava nos engenhos de açúcar no Nordeste, vendendo-os como mercadoria, ainda os diferenciando na hora da venda como velhos ou fracos ou olhando seu porte físico, para que conseguissem maior lucro.

No século XVIII, os escravos eram tratados da pior maneira possível, ou seja, trabalhavam muito. Suas vestes eram trapos e sua alimentação era de péssima qualidade. Moravam nas senzalas, onde muitos eram acorrentados, para que não fugissem sendo ainda constantemente castigados, por açoite, medida comum no Brasil Colônia.

Outra forma de punição a estes negros era a proibição da prática de sua religião ou realização de suas festas ou rituais de origem. Tinham que seguir a religião católica, imposta pelos senhores de engenho, adotando ainda a língua portuguesa. A capoeira era tida como uma forma artística e está até hoje incorporada em nossa cultura.

Segundo RODRIGUES (1976, p. 98):

“A condição de escravos, em que desde o começo se acharam no Brasil os negros africanos, habituou-nos a considerar simples uma coisa e a não levar em linha de conta os seus sentimentos, as suas aspirações, a sua vontade. Procede daí a afirmação de que o africano importado pelo tráfico se nacionalizou, adotando por sua a nova pátria.”

Entendemos aqui que foi a condição de escravo que fez com que os negros se acostumassem a não ter sentimentalismo, não ter sonhos ou não priorizar sua vontade própria, forçado a adotar uma nação como sua nova casa, com as condições dessa nova pátria, para sua sobrevivência.

No século XII no Brasil, o chamado século do ouro, alguns escravos compraram sua liberdade após adquirirem suas cartas de alforria, mas poucas

chances e pelo preconceito no período a sociedade fechava suas portas para estas pessoas¹.

Vale dizer também das mulheres negras que sofreram tanto quanto os homens na época da escravidão, embora os senhores de engenho utilizassem sua mão de obra para as funções de arrumadeiras, cozinheiras e amas de leite, além de muitos a usarem para suas fantasias sexuais ou seus prazeres.

Outro ponto fundamental a ser apresentado é que a partir da metade do século XIX a escravidão no Brasil passou a ser contestada pela Inglaterra, pois a mesma estava interessada em ampliar seu mercado consumidor no Brasil e no mundo e onde o Parlamento inglês aprovou a *Lei Bill Aberdeen* de 1845², que proibia o tráfico de escravos, dando total poder aos ingleses de abordarem e aprisionarem navios de países que faziam essa prática. Alguns críticos entendiam que era incoerente esta lei, tendo em vista que a Inglaterra era quem mais importava escravos.

Por fim, em 1850, o Brasil cedeu às pressões inglesas e aprovou por meio da Lei Eusébio de Queiróz o banimento do tráfico negreiro no Brasil. Reproduzimos o texto integral desta lei por entendermos ser fundamental para nossa pesquisa:

“Dom Pedro, por graça de Deus e Unânime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil. Fazemos saber todos os nossos súbditos, que Assembléia Geral Decretou e Nos queremos a Lei seguinte:

Art. 1º As embarcações brasileiras encontradas em qualquer parte, e as estrangeiras encontradas nos portos, enseadas, ancoradouros, ou mares territoriais do Brasil, tendo a seu bordo escravos, cuja importação He proibida pela Lei de sete de Novembro de mil oitocentos trinta e hum, ou havendo-os desembarcado, serão apreendidos pelas Autoridades, ou pelos Navios de guerra brasileiros, e consideradas importadoras de escravos. Aquela que não tiverem escravos a bordo, nem os houverem proximamente desembarcado, podem que se encontrarem com os sinais de se empregarem no trafico de escravos, serão igualmente apreendidos, e

¹ A ESCRAVIDAO NO BRASIL. Disponível em <<http://www.cultseraridades.com/resenhas-detalle.php?id=101&A++ESCRAVID%C3O+++NO+++BRASIL>> Acesso em 01.08.2016

² A *lei Bill Aberdeen*, foi aprovada pelo parlamento britânico no ano de 1845. Disponível em <www.estudopratico.com.br/bill-aberdeen/> Acesso em 01.08.2016

consideradas em tentativa de importação de escravos. Art. 2º O Governo Imperial marcará em Regulamento os sinais que devem constituir a presunção legal do destino das embarcações ao tráfico de escravos. Art. 3º São autores do crime de importação, ou de tentativa dessa importação o dono, o capitão ou mestre, o piloto e o contramestre da embarcação, e o sobrecarga. São cúmplice a equipagem, e os que coadjuvarem o desembarque de escravos no território brasileiro, ou que concorrerem para o ocular ao conhecimento da Autoridade, ou para os subtraírem á apreensão no mar, ou em até de desembarque, sendo perseguido. Art. 4º A importação de escravos no território do Império fica Nilo considerada como pirataria, e será punida pelos seus Tribunais com as penas declaradas no Artigo segundo da Lei de sete de Novembro de mil oitocentos trinta e hum. A tentativa e a complexidade serão punidas segundo as regras dos Artigos trinta e quatro e trinta e cinco do Código Criminal. Art. 5º As embarcações de que trata os Artigos primeiro e segundo e todos os barcos empregados no desembarque, ocultação, ou extravio de escravos, serão vendidos com toda a carga encontrada a bordo, e o seu producto pertencerá aos apresadores, deduzindo-se hum quarto para o denunciante, se o houver. E o Governo, verificado o julgamento de boa presa, retribuirá a tripulação da embarcação com á som mais de quarentas mil réis por cada hum africano apreendeu, que era distribuído conforme as Leis á respeito. Art. 6º Todos os escravos que forem apreendidos serão reexportados por conta para os portos donde tiverem vindo, ou para qualquer outro ponto fora do Império, que mais conveniente parecer ao Governo; e em quanto essa reexportação se não verificar, serão empregados em trabalho debaixo da tutela do Governo, não sendo em caso algum concedidos os seus serviços a particulares. Art. 7º Não se darão passaportes aos navios mercantes para os portos da Costa da África sem que seus donos, capitães ou mestres tenha assinado termo de não receberem á bordo deles escravo algum; prestando o dono fiança de uma quantia igual ao valor do navio, e carga, a qual fiança só será levantada se dentro de dezoito meses provar que foi exatamente cumprido aquilo a que se obrigou no termo. Art. 8º Todos os apresamentos de embarcações, de que trata os Artigos primeiro e segundo, assim como a liberdade dos escravos apreendidos no alto mar, ou na costa antes do desembarque, no ato dele, ou imediatamente depois em armazéns, e depósitos sites nas costas e portos, serão processados e julgados em primeira instancia pela Auditoria de Marinha, e em segunda pelo Conselho d'Estado. O Governo marcará em Regulamento a foram do processo em primeira e segunda instancia, e poderá criar Auditores de Marinha nos portos onde convenha, devendo servir de Auditores os Juizes de Direito das respectivas Comarcas, que para isso forem designados. Art. 9º Os Auditores de Marinha serão igualmente competentes para processar e julgar o rio mencionado no Artigo terceiro. De suas decisões haverá para as Relações os mesmos recursos e apurações que nos processos de responsabilidade. Os comprehendido no Artigo terceiro da Lei de sete de Novembro de mil oitocentos trinta e hum, que não estão designados no Artigo terceiro desta Lei, continuarão a ser processados, e julgados no foro com. Art. 10. Ficam revogadas quaisquer disposições em contrario. Mandamos por tanto a todas as Autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a comprar, e facção cumprir, e guardar tão inteiramente, como Nilo se contém. O Secretario d'Estado dos Negócios da Justiça a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Rio de Janeiro aos quatro de Setembro de mil oitocentos e cinqüenta, vigésimo nono da Independência e do Império.³

³ Lei nº. 581 de 4 de setembro de 1850. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/LIM/LIM581.htm> Acesso em 01.08.2016.

Essa lei define parâmetros e regras para quem descumprisse o que D. Pedro havia ordenado. Haveria punições severas e estariam à mercê de Auditores da Marinha para que processassem e julgassem, conforme as normas estabelecidas no documento.

Outra lei importante foi proclamada em 1871 com o nome de “*Lei do Ventre Livre*”, na qual se declarava a liberdade dos filhos de escravos nascidos a partir daquela data.

Declaram de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daqueles filhos menores e sobre a libertação anual de escravos.⁴

Foi um passo importante do Estado Imperial Brasileiro em direção à abolição da escravatura. Crianças não davam lucro aos senhores de escravos e produziam apenas gastos

No dia 28 de setembro 1885 foi promulgada a *Lei dos Sexagenários ou Lei Saraiva-(Cotegipe nº 3.270)*, que garantia liberdade aos escravos com idade igual ou superior a sessenta anos.

Entendemos que a *Lei dos Sexagenários* determinava que todos os escravos com mais de sessenta anos deveriam ser alforriados, pois de acordo com as condições que eram escravizados, era difícil o negro chegar a essa idade. Os que chegavam estavam cansados e fracos e não rendiam mais nada ao seu senhor, tornando-se um prejuízo ao seu dono.

Por conseguinte se deu a sanção da *Lei Áurea* em 13 de maio de 1888, assinada pela Princesa Isabel, filha de Dom Pedro II que extinguiu a escravidão no Brasil, a qual reproduzimos a seguir.

LEI Nº 3.353, DE 13 DE MAIO DE 1888.

⁴ Lei 2040 de 28 de setembro de 1871. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM2040.htm> Acesso em 01.08.2016.

Declara extinta a escravidão no Brasil.

A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brazil.

Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

O secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comercio e Obras Publicas e interino dos Negócios Estrangeiros, Bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de sua Majestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, 67º da Independência e do Império.

Princesa Imperial Regente.

1.1. Os negros após a abolição da escravidão

A abolição foi o resultado da luta dos negros, escravos ou não, que se mobilizaram ao longo da década de 1880. O movimento que resultou nessa lei se traduziu em fugas em massa, assassinatos de fazendeiros e capatazes e atos que ameaçaram a ordem social do Império, fazendo com que se questionasse se a escravidão era legítima ou não.

Chegar ao fim da escravidão no Brasil não foi uma tarefa fácil. Foram diversas formas de alcançar esse objetivo. Era preciso mudar a consciência política da elite brasileira.

Segundo MEDEIROS (2013, p. 312):

“O grande obstáculo da elite brasileira era que com o fim da escravidão os negros poderiam ocupar os postos de trabalho, mas essa mesma elite não queria ascensão dos negros na sociedade, devido a isso, preferiram

embranquecer o Brasil criando uma política para financiar a passagem de Europeus para trabalhar no Brasil”⁵

O antigo escravo tornou-se igual qualquer cidadão perante a lei, mas isso não lhe deu garantia de que seria aceito na sociedade, por isso os recém libertos passaram dias difíceis. Alguns senhores optaram pela absorção dos antigos escravos como empregados. Outros os abandonaram à própria sorte.

“Com a independência e a formação do Império, se configurava uma nação brasileira nos moldes definidos pela moderna política internacional. O país se transformava, mas nem tanto: da própria casa real portuguesa herdamos soberanos, e poucas foram às mudanças operadas no regime produtivo e nas relações sociais. Do autoritarismo de Pedro I à personalidade política ambígua de Pedro II só chegamos a Abolição por meio de finalmente de uma pressão internacional como visto acima” (MOURA, 1983, págs. 11-12)

O império não conseguiu acompanhar as prioridades das mudanças exigidas pelo sistema econômico internacional. Vale ressaltar que, o golpe republicano de 1889 completaria a manobra que marcaria fundadas alterações na vida nacional.

Uma dessas manobras foi a intensa imigração de operários europeus que não vinham atender as necessidades internas de mão de obra. Eles queriam embranquecer o Brasil, alegando que os negros eram incapazes de assumir os novos postos de trabalho que surgiram.

A imigração era abundante, se justificando não só pelas vantagens técnicas de mão de obra especializada que os estrangeiros ofereciam as nossas primeiras indústrias que não investiram no treinamento de trabalhadores nacionais, mas principalmente pelas ideologias raciais que suportavam os grandes investimentos do estado, que via o imigrante como um agente culturalmente civilizador e racialmente regenerador.

⁵ MEDEIROS e OUTRO. O fim da escravidão e as suas conseqüências. Disponível em <www.unicap.br/coloquiodehistoria/upcontent/uploads/2013/11/4/Col-p.309.pdf> Acesso em 05/08/2016;

No Brasil sem acesso a terra e sem qualquer tipo de indenização por tempo de trabalhos forçados, segundo AGUIAR (2016):

“Analfabetos, vítimas de todo tipo de preconceito, muitos ex-escravos permaneceram nas fazendas em que trabalharam, vendendo seu trabalho em troca de sobrevivência, e aos negros que migraram para as cidades, só restaram os subempregos, a economia informal e o artesanato. Com isso, aumentou de modo significativo o número de ambulantes, empregadas domésticas, quitandeiras, sem qualquer tipo de assistência e garantia, muitas ex-escravas eram tratadas como prostitutas. Os negros que não moravam nas ruas passaram a morar, quando muito, em míseros cortiços. O preconceito e a discriminação e a idéia permanente de que o negro só servia para trabalhos duros, ou seja, serviços pesados deixaram seqüelas desde a abolição da escravatura até os dias atuais”⁶

Outro ponto importante que a ser discutido ocorre em relação à igualdade que não veio; ou seja, mesmo após a assinatura da *Lei Áurea* ocorreu que os descendentes de africanos escravizados conquistaram a tão sonhada liberdade, mas não a cidadania. As elites tentaram apagar o passado escravista e substituíram as senzalas pela institucionalização da discriminação racial, mas os negros não tinham a consciência de classe, levados a acreditar que eram inferiores aos brancos. Isso foi se modificando na medida em que membros da elite como Joaquim Nabuco e José Bonifácio entre outros começaram a questionar a escravidão.

Contudo, o esforço para esquecer o passado de sofrimento foi acompanhado pela memória seletiva do processo de emancipação, que apresentava a *Lei Áurea* como uma dádiva concedida pela princesa Isabel, cujo amparo era de abolicionistas brancos e de parlamentares da época.

O dia 13 de maio entrou para o calendário brasileiro com caráter de feriado nacional, atos cívicos e religiosos e com repartições públicas sem expediente, mas isso não mudou a maneira de pensar e de agir da elite brasileira.

Mesmo com o fim da escravidão, os negros ainda não conseguiram de fato a liberdade definitiva, pois ainda tinham resquícios daquele período, no qual a luta pela identidade e o racismo estavam presentes.

⁶ AGUIAR. Lilian. As consequências do fim da escravidão no Brasil. Disponível em <escolakids.uol.com.br/as consequências-do-fim-da-escravidão-no-Brasil.htm>. Acesso em 01/08/2016.

No entanto, em várias regiões dos pais surgiram associações, entidades e clubes formados por libertos e pela população negra em geral. O apelo era reunir-se para tratar de assuntos de interesse dos negros ou das classes de cor.

Os negros contribuem significativamente como elemento constituidor da cultura brasileira, nos aspectos religiosos, com sua linguagem, artes e festas populares até os dias de hoje, mas ainda não são valorizados.

A ideologia de inferioridade dos negros continua presente, maquiada pela formação étnica de nosso país, e por se desvirtuar a luta dos negros por melhor participação no diálogo político social como um todo. Exemplo disso são as cotas em universidades, as quais são uma política paliativa, não resolvendo as questões raciais.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o Brasil tem uma população de 97 milhões de habitantes negros, pretos e pardos, auto declarados e 91 milhões de brancos.

Em contrapartida CICONELLO (2007, p. 3):

“Apresenta que o negro nasce com peso inferior a brancos, tem maior probabilidade de morrer antes de completar um ano de idade, tem menor potencialidade freqüentar uma creche e sofre de taxas de repetência com índices mais altos na escola. Jovens negros morrer de maneira violenta, bem como dificuldades de arrumar um trabalho, caso encontre esse trabalho recebem metade do salário do branco e ainda aposentam mais tarde com valores inferiores e entre outras coisas tem o pior atendimento no Sistema Único de Saúde”⁷⁷

De acordo com KAMEL (2006, p. 77):

“O IBGE, pressionado pelo Movimento Negro realizou em 2004 uma pesquisa sobre emprego e raça e, com base nela, os jornais concluíram que os dados comprovavam que os negros incluindo os pardos são discriminados no mercado de trabalho”

⁷⁷ CICONELLO. Alexandre. O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial. Disponível em homologa/portaldoservidor.ba.gov.br/sites/default/files/racismo%202020texto%20do%20Peck.pdf.

Muitos ainda são marginalizados e embora o Brasil seja resultado de uma forte mistura de raças, a incidência de racismo pode não ser tão evidente para alguns, mas não deixa de existir.

O racismo é notado na sociedade, principalmente no que diz respeito à cultura, pois temos uma sociedade que não aceita com facilidade a maneira de vestir, falar, comer dos hábitos de culturas diferentes de que estamos acostumados.

Em alguns casos, ocorre de maneira sutil, percebida pelas pessoas. Podem acontecer em forma de piadas, xingamentos ou simplesmente por evitar o contato físico com a pessoa.

A população negra teve alguns avanços em relação à educação, na qual a escolaridade afrodescendente subiu de 60 para 94%, bem como o crescimento da renda que subiu também de 2001 a 2009 e para alguns especialistas no assunto o aumento e a melhoria no bem estar não significa que diminuiu a distância da população branca ou negra, fazendo com que a materialização ainda continue a se desenvolver a partir do branqueamento.

Em nosso objeto focamos a análise na situação particular da mulher negra e quais as consequências depois da abolição e o Brasil de hoje. A mulher negra teve em sua realidade poucas transformações, pois ela continua em último lugar na escala social, em que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país.

A televisão utiliza imagens que são tomadas para alguns como valores inquestionáveis pela sociedade, como mães perfeitas, mulheres que sabem se vestir bem, nas quais se destaca a beleza feminina, com exemplos de mulheres magras, esguias, cabelos lisos, corpo perfeito. O estereótipo então pode estar relacionado tanto a um indivíduo ou a um grupo. Destaca-se neste trabalho o estereótipo da mulher negra e como a mesma tem seu estereótipo construído, sua identidade marcada e um longo caminho a ser construído.

Destaca-se, ao longo da história, que a mulher negra foi a coluna da família, que muitas vezes no período da escravidão constituía-se nela como mãe de seus filhos e de fato também a mãe dos filhos da patroa. Além disso, as mulheres negras desempenhavam o papel de mucamas, submetidas ao trabalho doméstico escravo. Hoje como empregadas domésticas, este último aspecto permanece praticamente inalterado do ponto de vista social, já que com a abolição nenhuma garantia foi dada ou quaisquer direitos foram constituídos a essas mulheres.

Todavia, com todo o pesar do racismo há uma parcela de mulheres negras que conseguiram vencer as dificuldades e chegaram à universidade, utilizando-a como ponte para o sucesso profissional.

De acordo com SILVA (2016, p. 1):

“As mulheres negras que conquistam melhores cargos no mercado de trabalho despendem uma força muito maior que outros setores da sociedade, sendo que algumas provavelmente pagam um preço alto pela conquista, muitas vezes, abdicando do lazer, da realização da maternidade, do namoro ou casamento”⁸

Nos dias atuais a mulher negra tem que dispor de energia para superar as dificuldades em busca do sucesso. Poucas mulheres conseguem, com muita luta garra e coragem, fruto de uma mente aberta, esforço pessoal e apoio de movimentos negros e resultado do esforço por parte das autoridades, de ONGs e setores da sociedade no sentido de se obter a igualdade social.

1.2. Políticas Públicas e Desigualdades Raciais

A questão racial despertou a atenção do Estado e da sociedade a partir de 1995 quando, sob forte pressão dos movimentos negros, o **Presidente da República** Fernando Henrique Cardoso reconheceu a existência do racismo e das

⁸ SILVA. Maria Nilza da. A mulher negra. Blog da Diretoria de Combate ao Racismo da União Nacional dos Estudantes. Acesso em 08/08/2016.

desigualdades daí oriundas. Esse posicionamento deu início à aprovação das primeiras políticas públicas específicas para a população negra.⁹

Em 1990, destaca-se o Movimento de Mulheres Negras e do Movimento Negro Unificado, assessorados por órgãos de estudo e pesquisa, tais como IBGE e o IPEA, a partir dos quais o governo brasileiro se viu obrigado a propor uma política de desenvolvimento em um país que mantém práticas e índices endêmicos de desigualdades raciais, entrando assim para agenda do então presidente Fernando Henrique Cardoso.¹⁰

Outro fator importante aconteceu em 13 de maio de 1996 quando lançado o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH I), no qual o governo assumia o compromisso de realizar estratégias de combate às desigualdades raciais por meio de políticas específicas para a população negra. Até 2001 uma parte das metas do PNDH não havia sido cumprida. Porém, atos simbólicos do governo de Fernando Henrique Cardoso abriram leques de possibilidades para que organizações da sociedade civil buscassem programar políticas de ação e projetos voltados para a educação, bem como estudos sobre mercado de trabalho¹¹.

Em 2001 foi realizada na África do Sul a Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial e Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, considerada como ponto de inflexão da temática racial.

Em 2003 foi instituída a Secretaria Especial de Promoção de Igualdade Racial (SEPPIR), pela qual em 21 de março foi consagrado o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial. Transformada em Ministério em fevereiro de 2008, articulou-se com os demais ministérios e órgãos do Poder Executivo sobre coordenação e articulação de políticas e diretrizes para a formação da igualdade racial com vistas à consolidação do tema da igualdade racial.

No âmbito federal, temos a Lei nº. 12314, de 2010, que expressa sobre a organização da República, conforme o artigo 24, que dispõe sobre:

⁹ Breve Histórico dos Movimentos Negros no Brasil. Disponível em <www.ifg.edu.br/igualdaderacia/index.php/historico>. Acesso em 05/08/2016.

¹⁰ Idem, mesma página.

¹¹ Ibidem.

“A organização da Presidência da República e dos Ministérios, assessorar direta e indiretamente o Presidente da República na formulação, coordenação e articulação de políticas e diretrizes para a promoção da igualdade racial na formulação, coordenação e avaliação das políticas públicas afirmativas de promoção da igualdade e da proteção dos direitos de indivíduos e grupos raciais e étnicos, com ênfase na população negra, afetados por discriminação racial e demais formas de intolerância, organismos nacionais e internacionais, públicos e privados, voltados à implementação da promoção da igualdade racial, na formulação, coordenação e acompanhamento das políticas transversais de governo para a promoção da igualdade racial, no planejamento, coordenação da execução e avaliação do Programa Nacional de Ações Afirmativas e na promoção do acompanhamento do cumprimento dos acordos, convenções e outros instrumentos congêneres assinados pelo Brasil, nos aspectos relativos à promoção da igualdade e de combate a discriminação racial ou étnica”¹²

Também o Decreto nº 6509, de 16 de julho de 2008, determina:

- a) compete ao Conselho Nacional de Promoção de Igualdade Racial – CNPIR, participar na elaboração de critérios e parâmetros para a formulação e implementação de metas e prioridades para assegurar as condições de igualdade à população negra e outros segmentos étnicos da população brasileira.¹³
- b) apresentar sugestões para a elaboração do planejamento plurianual do governo federal, o estabelecimento de diretrizes orçamentárias e a alocação de recursos.
- c) Cabe também ao Conselho, propor a realização e acompanhar o processo organizativo da conferência nacional de promoção da igualdade racial, bem como participar de eventos que tratem de políticas públicas de interesse da população negra e de outros segmentos étnicos da população brasileira entre outras prerrogativas.

¹² Lei 12314, de 19 de agosto de 2010. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Lei/1234.htm> Acesso em 02/08/2016.

¹³ Decreto 6509, de 16 de julho de 2008. Disponível em www2camara.leg.br/.../decret/_2008/decreto-6509-16-julho-2008/-57821. Acesso em 02/08/2016.

CAPÍTULO II- BREVE HISTÓRICO SOBRE A TELEDRAMATURGIA NO BRASIL E SOBRE O ESPAÇO OCUPADO PELOS NEGROS NA PROGRAMAÇÃO TELEVISIVA

Neste capítulo apresentamos um breve histórico da evolução da teledramaturgia e a participação de afrodescendentes neste gênero dramático televisivo.

A primeira transmissão de imagens no Brasil foi por meio da TV Tupi no dia 18 de setembro de 1950, em São Paulo, sendo na época o rádio o veículo de comunicação mais popular do país, bem como produz formadores de opinião. Os primeiros anos da televisão foram marcados pela falta de recursos e de pessoal e pelas improvisações.

Alguns autores apresentam a teledramaturgia como uma esfera artístico-cultural cuja opção se dá por sua natureza romântica ou dramática.

Quando se fala em telenovela, surgem muitas indagações de senso comum, que se trata somente de um produto de entretenimento, manipulador em virtude de alienar a população ou é a ilustração do Brasil como um lugar de estereótipos ou de caricaturas.

Alguns autores ainda acreditam que seja formadora de opinião, e até mesmo que ela provoca um distanciamento da população para os problemas reais do país, e ainda um espaço que seja utilizado para a responsabilidade social, mas há uma evolução quantitativa em teses que tratam sobre o diálogo das telenovelas com o meio, como por exemplo, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Núcleo de Estudos de Gênero Pagú, ambos de importância social.

Entende-se como dramaturgo um autor que divide seus dramas em capítulos diários, com exceção dos domingos, com durabilidade aproximada de oito

meses. No Brasil, as telenovelas são apresentadas e transmitidas por meio de sinal aberto, em rede nacional de televisão, sendo, acessível a todos os telespectadores.

Para CALZA (1996, p. 7):

“Insistem comparar telenovela com outras formas narrativas de representação. Antes de tudo, a telenovela é uma forma de arte popular que não é literatura, cinema, teatro ou produto de outro meio qualquer. Uma telenovela é uma peça dramática que pode surgir da adaptação de um livro ou mesmo ser inspirada em um poema, mas nunca se confundirá com eles”

Vale dizer também que as telenovelas possuem grande capacidade de gerar lucro às emissoras, bem como promover uma série de produtos, por sua presença constante na vida cotidiana dos brasileiros de todas as camadas sociais, fazendo parte das conversas e de um conjunto de referências nacionais. Investimentos milionários na produção das telenovelas foram crescendo conforme a elevação deste gênero, característico da sociedade de consumo.

“A telenovela é responsável por elaborar e propagar modelos identitários que serão referência par ao telespectador, tanto quanto as falas ou acessórios usados por um determinado personagem e ainda a telenovela pode ser considerada o nutriente da maior potencia do imaginário nacional e o ritmo dessas transformações passa ser a questão”.¹⁴

No Brasil, a evolução do gênero tem, contudo, uma explicação que remonta à situação político-social que se configurou a partir da década de 1960, com a implantação da Rede Globo de Televisão, com todo seu aparato tecnológico, superior de longe a tudo que existia no país, que determinou a maneira de se fazer e de consumir telenovela. Se antes se imitava a tradição da cultura europeia, hoje se exporta o produto. E por quê? Houve sim, um abasileiramento do gênero. O modo moderno de produzir esse tipo de ficção mostrou-se mais próximo a crônica do

¹⁴ BARROS. Marcos Paulo de Araújo. Favela e representações de identidade: estereótipos em Viver a Vida. Disponível em <www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual>. Acesso em 11.09. 016.

cotidiano, abrindo-se até mesmo para discussões dos grandes tabus, de valores morais, políticos, religiosos, de questões como o homossexualismo, drogas e virgindade, temas impossíveis de serem abordados em outras culturas mais conservadoras.

Assim, o sistema televisivo, e em particular a telenovela, é predominantemente comercial, mas não totalmente livre de intervenções estatais e associações com o governo, inclusive, enquanto anunciante de grande porte.

Vale ressaltar que no livro a “Negação do Brasil” – negro na telenovela brasileira, originalmente apresentado como tese de doutorado na ECA-USP, o interesse aponta para o estudo da identidade e dos estereótipos do negro na telenovela brasileira se relaciona com a preocupação que estudiosos e militantes negros têm revelado com o papel que a mídia representa, ao lado de outros mecanismos, que nas modernas sociedades complexas interagem e são responsáveis pelo processo de construção e reconstrução de identidades.

Além disso, Joel Zito Araújo procura analisar, na história da telenovela brasileira, representações dos afrodescendentes e seus reflexos nos processos de construção de identidades neste país. Procurou também entender as origens dos estereótipos presentes nesse gênero ficcional, vinculando-os a matrizes que se situam no romantismo e no teatro brasileiro do período escravocrata, bem como no cinema e na televisão norte-americana.

Ele apresenta em seu livro o período de 1963 e 1997, no qual o contexto é específico e político com a ditadura militar que coibia a democracia de direitos dos cidadãos.

Salienta-se ainda que na visão de Joel Zito é possível identificar as manifestações de uma identidade negra brasileira, com suas bases contrastantes de outras identidades e um referencial comum entre afrodescendentes.

Joel Zito Araújo (2000) apresenta também alguns estereótipos fundamentais do cinema industrial, tais como:

- 1) “Buck: o negro brutal e hipersexualizado, um estuprador às famílias brancas;
- 2) Tomás: o negro serviçal doce, inferiorizado e dedicado às famílias brancas;
- 3) Mammie: atriz grande e gorda, capaz de caracterizar uma negra ao mesmo tempo orgulhosa, dominadora, de vontade forte, irritável, mas intensa na sua maternalidade;
- 4) Coon: uma variação de palhaço, menestrel, moleque travesso e malandro;
- 5) “Mulato Trágico: sendo aqui representado por pessoas simpáticas, agradáveis, vítimas de uma divisão racial herdada”

Alguns autores relatam que nos meios de comunicação está o chamado racismo midiático, ou seja, o racismo da mídia atuante como uma propagadora de modelos; a representação do negro nas telenovelas reforça a análise de preconceitos difundidos no âmbito social.

Subentende-se que essa base está no desejo de pertencimento a um grupo populacional coeso, em decorrência do sentimento de exclusão e da necessidade de proteção e enfrentamento, diante do preconceito e da discriminação racial existentes na sociedade brasileira.

Apesar da intensidade dos discursos que muitas vezes competem entre si, mesmo mantendo uma relativa unidade na oposição ao racismo, podemos constatar a visibilidade crescente de um reconhecimento da identidade negra entre os afrodescendentes, pela identificação de vários atores e de alguns indicadores:

- O aumento da presença dos negros militantes em instituições do poder executivo, judiciário e legislativo, nas quais se destacam a visibilidade pública dos parlamentares negros;
- O crescimento das ONGS, que conseguem visibilidade na imprensa para suas ações conjuntas com advogados negros, articulados nacionalmente, na defesa das vítimas de discriminação racial;
- A maior sensibilidade da mídia com as questões colocadas pelo movimento negro;
- A ação de militantes negros em sindicatos e partidos políticos, que introduzem plataformas de combate à discriminação racial nas resoluções de assembleias, encontros e congressos;
- O sucesso editorial de uma revista dirigida para a população negra: Raça Brasil;

- As pesquisas de mercado que apontam a existência de uma significativo público consumidor entre os negros, com demandas étnicas definidas como produtos para a pele, para o cabelo e vestuário, específicos para negros. (ARAÚJO, 2004, págs. 31-32)

Diante deste contexto, Joel Zito demonstra que a representação do negro nas novelas brasileiras se deu entre 1963 e 1965, quando foi exibida a novela “O Direito de Nascer”, curiosamente apresentando a repercussão da personagem “mamãe Dolores” interpretada pela atriz Isaura Bruno, na qual transparecia o ideal de uma grande mãe, aquela que vem para fixar a ordem que o discurso autoritário da época propunha.

De acordo com Joel Zito, a atriz Isaura Bruno foi uma das personagens mais importantes e marcantes da história, comovendo os milhares de brasileiros que assistiram à telenovela e a acompanharam diariamente.

Entende-se que essa atriz foi uma personagem cuja combinação era perfeita – a clássica mãe negra, presente na literatura e no teatro desde o período da abolição. Mas o impacto da participação da mesma pode até ter dado esperanças eufóricas a autores negros, em um período marcado pelo ideário de branqueamento sueco, pós escravista.

Em 1969 foi estreada a novela “A Cabana do Pai Tomas”, na qual um ator branco, interpretado por Sérgio Cardoso, fez o personagem título, cedendo as exigências dos patrocinadores como a Colgate e Palmolive (patrocinadores da época) de pintar seu corpo de preto. Usava rolhas no nariz, encarnando uma visão, de alma branca, bondoso, serviçal e fiel.

Essa telenovela embora tivesse um grande número de personagens negros provocou polêmica sobre a questão racial na televisão brasileira, pelo fato de fazer o espectador entender que a alma branca está sob a pele negra e pela desconfiança de que um ator negro não tinha capacidade de desempenhar o papel de protagonista de uma telenovela. Ruth de Sousa, grande atriz daquela época, participou dessa telenovela.

Liderados pelo ator e autor teatral branco, Plínio Marcos, protestos foram realizados em São Paulo contra a escolha de um ator branco, neste caso, Sérgio Cardoso, para interpretar o papel de um personagem negro.

Verifica-se ainda que as telenovelas não retratavam a realidade do Brasil, pois a *Cabana do Pai Tomás* foi produção fundamentada em textos estrangeiros como o clássico romance de Harriet Beecher Stowe de 1952, novela que abrangia a luta dos escravos contra os ricos fazendeiros no Sul dos Estados Unidos, na época da Guerra de Secessão.¹⁵

Dias Gomes, grande inovador deste gênero de folhetim, produziu na década de 1970 várias peças preocupadas em discutir a realidade rural e urbana, revelando uma simpatia pelos subalternos nas relações das classes sociais no Brasil. Estreou “O Bem Amado” e experimentou pela primeira vez usar o trabalho do ator negro, mas ainda no lugar de serviçal. Surgem nessa época as novelas com temas de escravidão como a “Escrava Isaura” e “Sinhá Moça”, que mostravam a luta dos negros por sua libertação.

Para ARAUJO (2004, p. 123):

“os negros foram incluídos para auxiliar na composição de um retrato mais fiel da diversidade racial brasileira, em especial da população pobre. A base dos conflitos estava na pobreza, nas relações desiguais entre as classes sociais, na corrupção política, mas raramente era decorrente de origem racial dos seus personagens. A construção do personagem negro, embora passasse por uma visão realista da sua condição de pobre, de operário, de pescador, de suburbano e até mesmo pela prática do sincretismo religioso entre o catolicismo e o culto dos orixás, nunca se desenvolvia com base em conflitos decorrentes de problemas que remetesse diretamente às desigualdades e discriminações raciais existentes no país, e em embates resultantes de pessoas com experiências étnicas e raciais na vivência da realidade brasileira”.

Embora, Dias Gomes tenha buscado apresentar personagens mais próximos da realidade da maioria da população brasileira e incorporado temas emergentes dos anos 1970, pouco dramatizou ou questionou o lugar do negro na sociedade brasileira.

¹⁵ Os 35 anos de a *Cabana do Pai Tomás*, que teve uma protagonista negra. Disponível em <www.tribunapr.com.br> Acesso em 01.08.2016.

Os personagens de Dias Gomes não manifestavam a consciência específica dos conflitos decorrentes do racismo, da discriminação e das relações de subordinação, oriundos de sua condição racial.

Somente em 1978 surgiu nova mentalidade nas telenovelas que enfocavam a escravidão: passou-se a exibir um papel mais ativo dos negros na luta por sua própria libertação. Em “Sinhá Fulô”, novela de Lafaiete Galvão, a luta pela abolição dos negros era tratada como eixo central da história.

Outra novela que mostrou grandes transformações na representação da identidade negra foi “Corpo a Corpo”, na qual também aparece uma personagem vítima de preconceito racial, cujo nome era Sônia, vivida pela atriz Zezé Mota.

Ao longo dos anos tivemos algumas participações de mulheres negras na teledramaturgia brasileira. Mas ainda de forma tímida; talvez uma questão de cor, o chamado problema social racial, faltando aí diversidade. O preconceito não acabou.

O negro na mídia, principalmente na publicidade, é retratado em imagens sempre da mesma maneira, ou seja, socialmente carente, como um trabalhador braçal, malandro ou até mesmo atleta. É interessante perceber que até o cabelo do negro na mídia possui apenas três variações: *black* (ou seja, natural), trancinhas ou curto, quase raspado.

Outro ponto fundamental a ser destacado é a questão se há ou não diferença de salários entre brancos e negros atualmente.

“A diferença de salário entre brancos e negros ou pardos diminuiu em 2015. Ainda assim, os trabalhadores negros ganharam, em média, 59, 2% do rendimento dos brancos no ano passado. Apesar de negativo, o resultado mostra um avanço em relação a 2003, quando começou a ser feita a pesquisa. Naquele ano, os negros não ganhavam nem metade do salário dos brancos que era 48,4%. Estes dados fazem parte da PME (Pesquisa Mensal de Emprego), divulgada pelo IBGE” (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).¹⁶

¹⁶ Diferença cai em 2015, mas negro ganha cerca de 59% do salário do branco. Disponível em <economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2016/01/28/diferenca-cai-em-2015> Acesso em 25/10/2016.

Em matéria da “Revista TV Brasil”, levanta-se uma polêmica em relação trama da novela das 21h, acolhendo um velho problema, o racismo:

“Onde a cena de Velho Chico foi forte e chamou a atenção: Sophie (Yara Charry) entra na casa dos Sá Ribeiro e é recebida com palavras preconceituosas por parte de Afrânio (Antonio Fagundes). Assim que conhece a namorada de Miguel (Gabriel Leone) o Saruê não se conforma com a cor de pele da jovem e dispara: Mas é uma negrinha! Precisava atravessar o Atlântico para isso?” (RODRIGUES, 2011, p. 42)

Entende-se que, como muitas outras pessoas que vivem cotidianamente cenas parecidas com essa, a reação da jovem foi ouvir tudo em absoluto silêncio. E não para por aí. Essa ficção é retrato fiel da realidade do país, pois este é racista. O diretor quis colocar essa realidade, quis mostrar o tema de maneira a tentar conscientizar mais a população.

É fato que no Brasil é muito raro um ator negro ter um papel de destaque na televisão. Geralmente, esses profissionais interpretam escravos ou empregados, reforçando a ideia de inferioridade intelectual, desvinculando-o das posições de poder dentro da sociedade. Com isso a telenovela tem ainda reforçado o ideal de branqueamento, no qual se mostra um branco bem sucedido, patrão ou herói, com lindas mulheres e altos carrões.

Em uma entrevista concedida pela atriz Ju Colombo, ela esclarece que:

“O negro tem na veia, no sangue, na alma, uma condição de desafio e de luta que confere ao negro histórias maravilhosas, no esporte, na música, na interpretação. Diz ainda que os negros tem experiências incríveis e que foram construídas por conta dessa raça interna que eles tem. O Milton Nascimento tem uma música chamada “Raça” que pra mim é uma boa ilustração disso que eu estou falando. Não vejo o fato de ter poucos afrodescendentes trabalhando nas telenovelas como uma coisa negativa, apesar do processo de mudança necessário dentro dos veículos de comunicação, e em específico a televisão, precisa haver mudanças humanas, eu não vejo como uma particularidade em ser negra, e eu entendo dentro do que me cabe como atriz, negra, mãe, eu venho assistindo e participando de um processo de mudança que por um lado é mais lento e por outro lado é muito rigoroso. Olho a vida do Lázaro Ramos, como uma luta solitária, que pontua vitórias, e sou muita inspirada na vida dele, construindo o mesmo processo, com vitórias. Fazendo uma reflexão sobre isso, criamos as nossas conquistas e ter fé absoluta, ter convicção de que é aquilo que você quer é importante, às vezes não se dá de imediato,

mas uma vez que você sentiu no coração, a fé é absoluta e essa construção tem que vir com fé e filosofia de vida que te ajude a fortalecer essa fé. Outro ponto é ter um interior inabalável, porque você vai sofrer muitos revezes, muita imposição. Este mercado é um meio trabalha vaidade, oposição, protótipo de imagem, então você tem muitos pontos que você pode cultivar sofrimento e internamente ficar muito abalado, diante desses vendavais; e outro ponto é ter referências que te inspirem a seguir o seu caminho. E eu vejo que na minha vida eu venho construindo esses alicerces e que eles são determinantes pra minha vida agora. Dentro da Rede Globo eu trabalho muitos anos lá, mas eu tive um momento, que eu era fixa da TV Cultura e já tinha trabalhado em todas as emissoras e aí eu determinei que ia trabalhar na Rede Globo e que eu tinha que ter esses três pontos determinantes em mim e o que começou a acontecer e que começaram a me indicar, e a referência que eles tinham e o que eu já tinha feito, então olham que coisa interessante, se você faz o seu melhor, aquilo que foi feito, vira um elemento, um veículo, uma ferramenta pra você chegar onde você quer. E diante dos desafios, que você já sabe, o mais importante é como o ser humano vai lidar com aquilo, que qualidade a pessoa, no caso a atriz vai lidar com aquilo. Eu vi nesse processo, várias atrizes maravilhosas, de excelência profissional, mas frágeis internamente. Então durante o processo, elas começaram a se lamentar e essas não conseguiram chegar a lugar algum, e não a frustração pelo veículo e sim pelo fato do interior não estar fortalecido. Se a gente quer alterar o sistema precisa construir elementos internos. O negro tem na alma na veia, na interpretação, na raça, uma condição de desafio e de luta que confere ao negro vitórias maravilhosas, no esporte, na música; a gente tem referências incríveis. Eu adoro desafio, vencer, fazer o que faço e penso que a diminuição desse cenário no sentido das coisas estarem mais abertas, vai ser proporcional à coragem, força e sabedoria que a gente utilizar nesse caminho”.¹⁷

Zezé Mota, que atualmente está no papel de “Escrava Mãe”, afirma que:

“Você só vê um grupo muito grande de negros em cena quando o assunto é escravidão. E não adianta esperar por mudanças, nós e que temos que correr atrás. Eu ainda luto por representatividade na TV, onde a mesma ainda afirma que sofreu preconceito de uma vizinha quando começou a estudar teatro” (RODRIGUES, 2011 p. 43)

Solange Couto, famosa por interpretar a Dona Jura, em “O Clone”, fez as contas e chegou à conclusão de que:

em toda sua carreira, interpretou pouquíssimas personagens que fugiam desse estereótipo. Ela ainda afirma que não tinha percebido que só cinco de

¹⁷ Entrevista a nós concedida pela atriz Ju Colombo no dia 02/09/2016.

37 personagens minhas eram pessoas médio ou bem posicionadas no mundo. (RODRIGUES, 2011, p. 43)

Outro ator importante, mencionado anteriormente é Milton Gonçalves, que tentou mudar essa rotina por meio de um pedido:

interpretei muitos papéis considerados clichês para um ator negro. Até que um dia cheguei no Dias Gomes e pedi uma personagem que usasse terno, gravata e falasse português correto. E foi pelas mãos da Janete Clair que vivi um psiquiatra, o doutor Percival, que foi bem recebido pela mídia.

Milton Gonçalves é o exemplo mais antigo, interpretando um pediatra na novela “Pecado Capital”, exibida de 24 de novembro de 1975 a cinco de julho de 1976.

De acordo com a sinopse da novela, ele teria o seguinte perfil: psiquiatra com vários cursos na Europa, onde participava de congressos médicos como representante brasileiro. Desenvolvendo novos métodos de tratamento, inicia então consulta com Vilma pouco depois de ela receber alta do hospital, e estende seu atendimento a toda família (ARAUJO, 2000, p. 118)

Todavia, por ter tido uma relação inter-racial com uma mulher branca, o romance foi vetado na novela devido a pressões do público e da censura política. Apesar de interpretar um profissional qualificado, o papel desse ator não foi bem aproveitado.

Em 1969 foi ao ar pela TV Excelsior segundo Araújo (2000, p. 96) a telenovela “Vidas em Conflito”, em que o personagem Zózimo Bulbul foi um dos destaques. Essa foi a primeira telenovela a contar com núcleo negro de importância e apresentou a primeira família de classe média na televisão.

Outra novela que encantou o público foi “Xica da Silva”, escrita por Walcyr Carrasco, interpretada por Tais Araújo, escrava inteligente e sedutora que conquista

o contratador de diamantes enviado pelo Reino de Portugal e é comprada e alforriada por ele. Essa novela se torna um marco das produções que queriam retratar o período de escravidão no Brasil.

Por meio de nossa pesquisa observamos que o estafe afrodescendente aos poucos foi se inserindo na estrutura da teledramaturgia brasileira.

CAPÍTULO III – COMPARAÇÃO DA *PERFORMANCE* DAS PERSONAGENS “HELENA” DE MANOEL CARLOS

Neste capítulo são analisadas as personagens de Manoel Carlos, em especial a “Helena negra”, interpretada por Tais Araújo.

Manoel Carlos é um dos escritores de telenovelas e minisséries da Rede Globo de Televisão. No começo de sua carreira produziu e dirigiu programas televisivos de entretenimento, shows de humor e musical. A sua estreia em telenovelas veio por meio da trama “Maria, Maria”, em 1978.

As telenovelas de Manoel Carlos têm uma característica comum. Trazem uma protagonista mulher que recebe o nome de “Helena”, por referência a “Helena de Tróia”. Suas “Helenas” possuem aspectos parecidos, como: são sempre audaciosas, bonitas, competentes e que fazem de tudo pelo amor, intensas e donas de suas vidas.

A “Helena” de “Viver a Vida” foi uma Jovem, no auge de sua carreira de modelo, característica esta levada em conta pelo fato de ter menos idade, que as demais “Helenas” de Manoel Carlos e isso afetar diretamente nos problemas vividos pela sua personagem.

Manoel Carlos trata das suas “Helenas” como mães e filhas disputando o amor do mesmo homem, mesas de café da manhã recheadas de conflitos e muitos passeios pelo Leblon.

Até hoje, dez atrizes interpretaram “Helenas” escritas por Manoel Carlos, mas a única que representou duas vezes foi Regina Duarte. Helena Ranaldi, também interpretou uma “Helena”, mas ela fez parte da exceção; era “Lúcia Helena”.

A primeira “Helena” de Manoel Carlos foi representada pela atriz Lilian Lemmertz (figura 1), na novela “Baila Comigo”, exibida em 1981, sob a direção de Roberto Talma e Paulo Ubiratan, realizada no período de 16 de março a 26 de setembro de 1981, no horário das 20h, com 162 capítulos.

A trama principal dessa novela girava em torno de seus filhos “Quinzinho” e “João Victor”, ambos interpretados pelo ator Tony Ramos. Eram gêmeos idênticos que não sabiam da existência um do outro. Eles foram separados quando ainda bebês. “João Victor” foi criado pelo pai, Joaquim Gama, interpretado pelo saudoso Raul Cortez e “Quinzinho” ficou com a mãe, Helena.

Os dois se conheceram em Porto Alegre e se apaixonaram, mas na época “Joaquim” tinha um relacionamento com “Martha”, interpretada por Teresa Rachel e não quis abrir mão do casamento para viver ao lado de “Helena”.

Diante disto, “Helena” acabou se casando com o médico “Plínio Miranda”, interpretado por Fernando Torres, e o mesmo criou “Quinzinho” como seu filho, dando-lhe amor como um pai verdadeiro.

Todavia, os gêmeos, por uma série de pressentimentos que não sabiam explicar, acabaram se aproximando. “Quinzinho” era um carioca extrovertido, idealizador, trabalhador e sonhava em ser piloto de helicóptero. “João Victor” era tímido, um advogado bem sucedido, que morava em Portugal e reconhecido por todos pela ética com que conduzia seu trabalho.

Ao completar 27 anos, “João Victor” decidiu voltar ao Brasil em busca de suas origens e a história é marcada por encontros e desencontros dos gêmeos, que só se conheceram no final da trama.

Dentre as tramas paralelas desta novela destaca-se a relação de amor entre o negro “Otto Rodrigues”, interpretado por Milton Gonçalves e a branca “Letícia”, interpretada por Beatriz Lyra, que chamou muita atenção na época para o

problema do preconceito racial. Logo após a cena de um beijo entre os dois personagens, a atriz chegou a ser hostilizada na rua.

O racismo nos anos 1980 era tão intenso como agora, Beatriz Lyra sofreu além da hostilização, muitas críticas do público e dentro da própria equipe, pois era raridade ver uma atriz branca, bonita e conceituada fazer par romântico com um ator negro.

A segunda Helena foi a atriz Maitê Proença (figura 2), em “Felicidade” exibida em 1991, autoria de Manoel Carlos e Elizabeth Jhin, cuja direção era de Denise Saraceni Ignácio Coqueiro e Fernando de Souza. Foi exibida de 07 de outubro de 1991 a 30 de maio de 1992, no horário das 18hs, com 203 capítulos.

“Tati, a Garota e outros contos de Aníbal Machado, inspiraram a criação de Felicidade, uma novela que conta a história de Helena. Os primeiros 30 capítulos se passaram numa cidade fictícia chamada Vida Feliz, díade no interior de Minas Gerais. Lá durante um jogo na Copa do Mundo, o carioca Álvaro, interpretado por Tony Ramos conhece Helena, a moça mais bonita da cidade e os dois se apaixonam. Mas ela acaba se casando com Mario interpretado por Herson Capri, um engenheiro agrônomo que chega a Vida Feliz para instalar uma escola agrícola. O casamento fracassa e os dois se separam e algum tempo depois Helena e Álvaro se reencontram, mas dessa vez ele é quem está comprometido com Debora interpretada por Viviane Pasmanter. Depois de um breve reencontro com seu verdadeiro amor, Helena engravida, e decide então se mudar para o Rio de Janeiro, onde passados oitos Helena vive sozinha com a filha, Bia, interpretada por Tatiane Fontinhas Goulart e começa trabalhar para a Cândida, mãe de Álvaro Apesar de manter segredo que ele é o pai de Bia, Helena não consegue evitar que a menina faça amizade com o filho de Álvaro, Alvinho. Somente no penúltimo capítulo da novela, Helena revela á Bia que Álvaro é seu pai...”¹⁸

Uma trama paralela é a do núcleo de “Tuquinha”, interpretada por Maria Ceíça, bela mulata, que desfila na Mangueira desde os doze anos, quando a história começa. Com a passagem de tempo da telenovela, ela chega aos vinte anos e se torna uma bela porta estandarte, sendo logo assediada pelo violento “Aristides” interpretado por Mauricio Gonçalves. É filha de “Batista”, interpretado por Milton

¹⁸ Memoriaglobo.com/programas/entreterimento/novelas/felicidade/trama-principal.htm. Acesso em 04/11/2016.

Gonçalves e “Maria”, interpretada por Maria Alves e irmã de “Betsy”, interpretada por Kátia Drummond.

De acordo com PONTES (2015) no “TV Aborda Entrevistas”:

“O preconceito é um assunto dolorido, e apesar de todas as questões que hoje já são debatidas abertamente sobre o preconceito em suas mais variadas manifestações, os autores e atrizes negros, ainda não conseguiram ser representados na televisão com a devida frequência, importância e normalidade que deveriam ser. Os brasileiros, são quase todos frutos da presença africana, da miscigenação racial e, no entanto, com exceção de novelas ou séries com temática de escravidão, não se vê personagens importantes da atualidade, com voz. Parece sempre poucos. Estou cansada de ouvir dizer que não tem atores negros suficientes. Quantos atores e atrizes negros ao longo da minha carreira eu conheci e conheço que desistiram, que foram para outras profissões. E tem mais uma coisa: parece que estamos sempre em desvantagem porque fica difícil ser bom e desenvolver melhor as habilidades quando o trabalho só aparece de vez em quando”.¹⁹

Maria Ceiça amou fazer essa personagem, mas não foi contratada na época pela emissora.

A terceira “Helena” veio em “História de Amor” novela de Manoel Carlos, juntamente com Elizabeth Jhin, Marcos Toledo e Maria Carolina, sob a direção de Ricardo Waddington, Roberto Naar e Alexandre Avancini. Foi apresentada no horário das 18hs no período de 3 de julho de 1995 a 2 de março de 1996, com 209 capítulos. Esta novela marcaria a carreira de Regina Duarte. (figura 3)

Essa “Helena” de acordo com XAVIER (2000):

“É uma mulher honesta, doce, guerreira e muito sensível e vive um conflito com sua filha Joyce, cuja adolescência é problemática e engravida precocemente. O maior problema é o pai da moça, Assunção, seu ex-marido, que não se conforma com a situação. Solitária, Helena sente o interesse do médico Carlos e não resiste a essa nova paixão. Mas Carlos é um homem comprometido, em um casamento em crise com a possessiva, Paula, loucamente apaixonada por ele. Os pais de Paula, Rômulo e Zuleika,

¹⁹ PONTES. Warlen. TV Abordo. Entrevista com Maria Ceiça. Disponível em www.tvabordo.com.br/2015/04/maria-ceiça-estou-cansada-de-ouvir.html Acesso em 04/11/2015.

torcem ansiosos pelo casamento da filha, o que afasta a família da decadência financeira. Mas Carlos é o tipo de homem que as mulheres realmente não esquecem. Casado com Paulo e balanceado por Helena, ele é assediado pela ex mulher Sheyla que não se conforma de tê-lo perdido e sonha com uma aproximação”.²⁰

Outra oportunidade dada a Regina Duarte para interpretar a “Helena” de Manoel Carlos surgiu em “Páginas da Vida”, que teve grande comoção quando lutava pela sua filha com síndrome de Down para que ela tivesse a oportunidade de estudar em uma escola de ensino regular. Discutiu-se nessa novela, sexualidade, alcoolismo, superficialmente o racismo e o HIV de maneira muito falha e criticada na época. A “Helena” de “Páginas da vida” já tinha perdido muitas coisas, mas com a chegada de “Clara”, faz dela a razão de seu viver.

De acordo com XAVIER (2000):

“A trama principal aborda a estudante Nanda conhece a marchand Olívia em Amsterdã e acabam se tornando grandes amigas. Olívia está na cidade em lua de mel, com o marido, Silvio. As duas descobrem afinidade por gostarem de arte e, num desses encontros, Nanda revela à amiga que está grávida do namorado Léo, mas tem coragem de contar, temendo ser abandonada. Após a recusa do namorado em aceitar sua gravidez, Nanda decide voltar para o Brasil com a amiga, mas é atropelada e levada para o hospital onde trabalha a médica Helena. Grávida de um casal de gêmeos, a moça não resiste e morre, mas antes Helena faz o parto e consegue salvar os bebês. No entanto, uma das crianças, portadora de Síndrome de Down, é rejeitada pela avó da moça, Marta, uma mulher intransigente e amargurada com a vida. A médica decide adotar a criança. Helena é uma mulher que já perdeu muita coisa na vida, e faz da menina a razão de sua existência. Dois homens – Diogo, uma paixão do passado, e Greg, e o ex-marido – brigarão pelo seu amor. O problema é que Helena terá que enfrentar uma batalha com Olívia, que sabia da gravidez da amiga. Anos depois, com o casamento desgastado com Silvio, Olívia acaba gravidez da amiga. Anos depois, com o casamento desgastado com Silvio, Olívia acaba se envolvendo com Leo quando ele retorna ao Brasil e fica descobrindo que tem um filho. O dilema de Helena no decorrer da trama será revelar ou não ao pai da criança que a filha dele está viva e é criada por ela”²¹

²⁰ XAVIER, Nilson. **Historia de Amor**. (2000) Disponível em www.teledraturgia.com.br/historia-de-amor/ Acesso em 04/11/2016.

²¹ Idem.

Na trama paralela, abordou bem discretamente outros temas sociais como o racismo sofrido pela personagem “Selma”, interpretada por Elisa Lucinda, que era uma médica e melhor amiga da protagonista “Helena”, casada com enfermeiro “Lucas”, interpretado por Paulo César Grande, às vezes discriminada por pacientes por ser negra.

Nas cenas essa personagem sofria discriminação racial em seu ambiente de trabalho, abordado de maneira discreta. O preconceito foi enfatizado quando a filha de “Lucas” foi morar com eles e apesar de a moça ter a pele morena era muito preconceituosa e no início deixava claro que não aceitava a nova mulher de seu pai até pela cor de sua pele.

O autor tentou inserir a questão racial aqui, mais foi fraco em argumentos, ou seja, apesar de ter uma personagem de classe média, exercendo a profissão de médica, retratava a realidade da discriminação nivelada. E apesar de ter uma protagonista branca justa que era indignada com cenas de preconceito, a quantidade de papéis destinados a atores e atrizes afrodescendentes, foi muito tímida e sem muita ousadia.

Nesta novela, poucos afrodescendentes foram identificados, a não ser o filho adotivo de “Helena”, que aparecia com ela em muitas cenas, mas sem muita valorização ou imposição na trama; e, duas empregadas domésticas, além de uma com a profissão sem identificação.

Em “Por Amor”, telenovela brasileira produzida e exibida no horário nobre da Rede Globo de 13 de outubro de 1997 a 22 de maio de 1998 é utilizada a quarta “Helena” de Manoel Carlos. Esta era mais do que mãe e amiga da filha querida “Maria Eduarda” e faz de tudo para que ela aceite e ajude o seu pai alcoólatra, “Orestes”, de quem é separada.

“Eduarda” só tinha olhos para seu grande amor, “Marcelo”, que sofre perseguição da ex-namorada, “Laura”, inconformada por haver sido trocada por “Eduarda”.

Nessa trama mãe e filha engravidam na mesma época e dão à luz no mesmo dia, hora e local sob os cuidados do jovem médico “Cesar”, eterno

apaixonado por “Eduarda”. O filho de “Helena”, por sua vez, nasce grande e saudável, mesmo ela tendo já seus quarenta anos, enquanto o de “Eduarda” tem várias complicações e morre. “Eduarda” não poderá ter filhos nunca mais. Desesperada então, para evitar um duro golpe para filha “Helena” decide trocar os bebês com a ajuda de “César”. Diante disso, “Eduarda” cria seu irmão como se fosse seu filho, enquanto seu esposo “Atílio” sofre com a perda achando que seu filho tinha morrido. Durante a trama a reviravolta se dá quando “Eduarda” descobre a verdade, ficando revoltada e tem sua vida transformada.

Em uma das tramas paralelas, a questão racial também é apresentada na esfera do lar, por meio de preconceitos e da violência física do marido branco interpretado por Paulo Cesar Grande, que rejeita a gravidez de sua esposa negra, a artista plástica “Márcia”, interpretada por Maria Ceíça. A criança nasce com traços do pai, branca e com os cabelos claros e por conta disso, é aceita. Desta forma, o conflito se esvaziou e a telenovela não cumpriu o papel de discutir o racismo dentro dos relacionamentos amorosos inter-raciais.

A quinta “Helena”, protagonizada pela atriz Vera Ficher (figura 4) em “Laços de Família”, exibida em 2000, é uma mãe que tem um amor incondicional pela filha, linda, empresária e que abre mão do seu relacionamento amoroso pelo mesmo homem da filha, quando descobre que a mesma tem leucemia. Foi baseada em uma história real nos Estados Unidos.

Alcançou grande repercussão, pois tratava da doação de medula óssea. Causou comoção nacional e ainda foi usada para campanhas e mobilizações em prol de tentar melhorar a realidade das poucas doações de medula no país.

Abordou-se aqui uma “Helena” branca, linda, guerreira, capaz de tudo pelo amor da filha, abandonando seus desejos e abrindo mão de sua felicidade pela sua própria família.

A trama paralela apresenta um núcleo negro na área de serviço, formado basicamente pelas empregadas domésticas “Zilda”, interpretada por Thalma de Freitas, empregada de “Helena”, que é tratada com carinho pela patroa, como se fosse membro da família, mas que desempenha um papel de anjo da guarda da

patroa branca, não se diferenciando aqui das criadas negras das telenovelas dos anos 1970.

“Mulheres Apaixonadas”, Manoel Carlos traz Christiane Torloni (figura 5), também branca, madura, recatada, elegante, amável, carinhosa com os empregados, amigos e família. Professora respeitada em sua escola, mas também uma mulher cheia de conflitos. Todavia, muito apagada, não tinha filhos biológicos. É mãe de “Lucas”, que adotou com seu marido “Téo” e está à procura da felicidade, já que seu casamento encontra-se abalado.

A novela “Mulheres Apaixonadas” foi transmitida pela Rede Globo entre 17 de fevereiro a 11 de outubro de 2003 no horário nobre das 21hs. Com 203 capítulos, apresentou uma trama urbana, e procurou apresentar o realismo. Tinha como trama central as mulheres e seus dramas e histórias de amor.

Abordou na época a importância do desarmamento que resultou em um grande recolhimento de armas, discutindo ainda o tratamento com idosos, violência doméstica, alcoolismo e homossexualismo.

Vale ressaltar que o núcleo de negros dessa telenovela está dividido entre classe média e baixa. Essas mulheres são representadas por uma médica, uma cantora e uma professora, na classe bem sucedida. Foram apresentados nove personagens negros identificados, ligados diretamente com a protagonista.

Esta telenovela estreou uma atriz negra que mostrou um grande talento, mas como uma personagem estereotipada com o nome de “Zilda”, representada pela atriz Roberta Rodrigues, mulher muito sensual que era assediada pelo filho adolescente de seus patrões.

Segundo SANTANA (2016):

“Zilda traz um dos piores estereótipos atribuídos às mulheres negras, como destaca Lucia Loner Coutinho (2010) “Esta imagem da mulher negra lasciva, elemento corruptor da ordem familiar, representada de forma quase animalesca, é um dos maiores estereótipos que acompanham a cultura e imagem dos negros”. Ela destaca, citando Sueli Carneiro (2002), que essa imagem atribuída à mulher negra foi cravada na cultura brasileira devido às

relações dos tempos de escravidão em que as escravas eram acusadas de corromper a ordem familiar por seduzir seus senhores. “A sociedade colonial e escravista contribuiu imensamente para a criação do mito de mulheres quentes, atribuído, até hoje as negras e mulatas pela tradição oral e disseminado no meio intelectual através da literatura” Não só através da literatura, como expôs Carneiro, mas também por meio da cultura brasileira. Essa sensualidade ligada à cor da pele é um dos únicos atributos, por exemplo, que coloca a mulher negra em evidência na mídia em época de carnaval, em que os meios de comunicação divulgam intensamente as belas mulatas com seus corpos seminus atraindo a atenção do público, em especial dos turistas. Vale ressaltar também, que uma das personagens que integrava o núcleo de classe média era a médica Luciana, interpretada pela atriz Camila Pitanga que apesar de se auto declarar negra sua figura é “quase um contracensos num país em que a negritude está tão ligada à cor da pele. “O título de mulher-negra-que-chegou-lá nem sempre é atribuído a ela, já que muitas pessoas preferem considerá-la branca”.²²

Em 2009, outra atriz deu a vida para “Helena”, Tais Araújo (figura 6), na telenovela “Em Família”, mais jovem que as outras e recebida negativamente pelas críticas pelo estilo diferente, no qual essa “Helena” foi ofuscada pelo drama da personagem.

Ela foi escolhida pelo escritor para interpretar “Helena”, tornando necessário avaliar e interpretar um racismo introduzido, atitude ou intuito da emissora na representação e escalação da personagem na ocasião em que o movimento negro lutava pela aprovação do Estatuto da Igualdade Racial no Congresso Nacional.

A surpresa nessa nova “Helena” foi a mudança de perfil físico. Pela primeira vez a protagonista da trama foi uma mulher negra. Além disso, a mesma quebrou mais um tabu, tornando-se a primeira negra a protagonizar uma telenovela no horário nobre da TV Globo.

A telenovela “Viver a Vida”, produzida pela Rede Globo, foi ao ar no horário das 21 horas no período de 14 de setembro de 2009 a 14 de maio de 2010.

²² SANTANA. Juliana Mendes. A Representação da mulher negra na teledramaturgia Brasileira. Um olhar sobre a Helena Negra de Manoel Carlos. Disponível em monografias.brasilecola.uol.com.br/arte/cultura/a-representacao-da-mulher-negra-na-teledramaturgia-brasileira.html Acesso em 04/11/2016.

Fora dos padrões subalternos e marginalizados, essa novela poderia ter sido um presente para os movimentos raciais que discutiam no congresso a aprovação do Estatuto de Igualdade Racial e também todos que criaram esperanças com o anúncio da primeira protagonista negra em horário nobre.

O Estatuto de Igualdade Racial foi sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva no mês de julho de 2010. Porém, ao longo desses anos de intensas batalhas e reivindicações, o estatuto passou por uma série de modificações que alteraram diretamente seu texto final.

Conforme o artigo 44 do Estatuto da Igualdade Racial:

“Na produção de filmes e programas destinados à veiculação pelas emissoras de televisão e em salas cinematográficas, deverá ser adotada a prática de conferir oportunidades de emprego para atores figurantes e técnicos negros, sendo vedada toda e qualquer discriminação de natureza política, ideológica, étnica ou artística”.²³

Este estatuto exclui completamente qualquer tipo de cotas, que para alguns autores, era parte fundamental que realmente garantia a igualdade entre negros e brancos. Outros reconhecem a aprovação do estatuto como a diferenciação que existem entre brancos e negros.

Com a opção de uma protagonista negra para o horário nobre num momento em que tanto se discutia o estatuto e a possibilidade da criação de um percentual que seria obrigatório de negros na TV, a escolha foi vista por alguns como uma jogada de marketing da Rede Globo de Televisão, com o intuito de mostrar de forma mais subliminar que não existia a necessidade de tal lei, uma vez que a mesma teria dado a oportunidade a uma atriz afrodescendente pela primeira vez na história da emissora.

²³ Lei 12288/2010. Disponível em < www.planalto.gov.br/ccivi_03/_ato2007/2010/Lei/l12288.htm >. Acesso em 11/09/2016.

Taís Bianca Gama de Araújo, conhecida popularmente como Taís Araújo, é uma das poucas atrizes negras que faz um sucesso estrondoso e não é mais escalada apenas para ser a empregadinha.

Em 1996, com dezessete anos, protagonizou “Xica da Silva”, escrita por Walcyr Carrasco na Rede Manchete de televisão. Contudo, tanto a novela “Da cor do Pecado” quanto a novela “Viver a Vida” receberam fortes críticas por não terem utilizado a presença de uma mulher negra em papel de destaque para ajudar a reverter a visão de um estereótipo de interiorização que as mulheres negras sofrem.

Apesar do prestígio, todavia, a artista (que fez tanto a primeira protagonista negra de uma novela, quanto a primeira protagonista negra de um folhetim da Rede Globo), em “Da Cor do Pecado”, ainda sofreu com o racismo em 2004, quando suas redes sociais foram alvo de comentários preconceituosos.

A telenovela “Viver a Vida” teve críticas por parte de muitos telespectadores e movimentos raciais, que não se sentiram a vontade nem mesmo presenteados com o desfecho da personagem. Foram ao ar cenas provocativas, de humilhação, ofensivas. É a partir daí a rejeição dada à personagem, influenciando a receptividade do público, e caído por terra a representatividade da mulher negra como uma agente de modificação e conhecimento.

Contudo, a novela “Viver a Vida” trouxe à época questionamentos de temas fundamentais, como alcoolismo, deficiência física, distúrbios alimentares, infidelidade e câncer, entre outros.

Foi considerada pelos críticos a novela de maior fracasso e com índices muito baixos de audiência, comparados com as demais novelas que Manoel Carlos já tinha escrito anteriormente. Foi intensamente crítica pela representatividade que se deu a mulher negra, representada pela atriz Taís Araújo.

De acordo com SILVA (2016), apud VERONI (2009):

“A Helena de Manoel Carlos não levantou nenhuma bandeira da cultura negra, e por isso, foi criticada por interpretar uma branca. Esse tipo de

afirmação me dá nó na garganta e só reforça o preconceito velado que existe em nossa sociedade. Seria a hora ideal para o Maneco colocar uma Helena firme, dona de si e determinada, assim com as outras Helenas que foram interpretadas por Christiane Torloni. A Helena de Taís Araújo viveu a “Geni” de Viver a Vida, assim como a música de Chico Buarque, todo mundo agora quer jogar uma pedra. Essa Helena não deferiu muito das demais analisadas. A inserção da personagem em alta ascensão, modelo, rica e bonita, não foi analisada de forma positiva, já que era acompanhada com certa antipatia que a personagem passava por estar em uma classe favorecida, exigia-se para ela uma personagem mais forte pelo peso que ela carregava por ser prisioneira da inserção do negro no horário nobre em papel principal”.²⁴

“Viver a vida” foi intensamente criticada pelos movimentos raciais, por não ter dado o destaque merecido ao afrodescendente, pelo próprio peso que a personagem carregava de não abordar a questão racial, nem tampouco foi dada atenção ao casamento inter-racial da própria personagem, nem a diferença da idade deles foi tema de discussão.

Além disso, não tinha uma relação saudável com sua enteada, e pelo fato da mesma ter sofrido com um acidente, fez com que a personagem de Taís Araújo, carregasse um sentimento de culpa pelo acontecido, o seu papel a partir daí se tornou secundário, uma vez que sua enteada que anteriormente era má e mimada ganha o rótulo de jovem que teve sua carreira interrompida por culpa da madrasta.

Além disso, a cena em que “Helena” se humilha para a mãe de sua enteada, caracteriza a submissão nivelada, que para muitos negros foi uma ofensa à raça.

O papel desta “Helena” não agradou e não agregou em nada aos telespectadores, fazendo com que durante o enredo a personagem que poderia ser aclamada não somente por sua atuação, mas pela sua representatividade, caiu em humilhação, submissão e culpa que carregou durante toda a trama. Além de não ter tido o respeito do marido quando do pedido de aborto como um castigo imposto.

²⁴ SILVA. Samara Araújo da. A personagem na Telenovela Brasileira: “Viver a Vida” á Primeira Protagonista Negra no Horário Nobre da Globo”. Disponível em <www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/1253-005-1.pdf> Acesso em 10/09/2016.

Esta “Helena” de Manoel Carlos não atendeu as expectativas do público negro e infelizmente só reforçou ao longo da trama os estereótipos já impregnados na sociedade. A “Helena” de Taís Araújo fez com que a representatividade da mulher negra na novela tenha sido frustrada.

Aparentemente, a mulher negra sofre uma espécie de rejeição. Ela raras vezes é vista em revistas, novelas e comerciais, em papéis de destaque, quase sempre estampadas por mulheres brancas, loiras, ou seja, em padrões sociais mais aceitos dentro da cultura do embranquecimento. Para muitos, o corpo negro é tido como exótico, pecaminoso, ou até mesmo “a cor do pecado”, ligado ao sexo e ao racismo.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que a personagem de Taís Araújo mesmo sendo protagonista de novela, não teve uma fase muito agradável ao interpretar um papel anteriormente designado a atrizes reconhecidas como padrão da estética de beleza ocidental.

O fato de não ter protagonizado uma doméstica ou uma escrava, não garantiu seu espaço merecido e apesar da tentativa de demonstrar que uma negra pode protagonizar uma novela, a personagem sofreu humilhações dos personagens brancos em alguns episódios das novelas que a mesma integrou.

O que mais chamou nossa atenção é a humildade e a integridade de manter tais personagens, após agressões. Ainda que de forma tímida, conseguiu levar a personagem a um caminho de não desvalorização.

No elenco das telenovelas, vemos que o autor Manoel Carlos enfatiza as suas “Helenas” brancas, colocando-as nos papéis principais e mostrando ao público que são mulheres do dia a dia, que podem ser fortes e ao mesmo tempo meigas, batalhadoras, guerreiras e até admiráveis.

Mas, na escolha de Taís Araújo, infelizmente ele não conseguiu fazer com que a na sociedade mudasse a forma de pensar, ao trazer uma atriz negra para representar sua “Helena” como se fosse um prêmio. Não conseguiu atingir o objetivo

de fazer com que esta personagem negra fosse reconhecida como peça fundamental da trama, independente da etnia ou estereótipos.

Manoel Carlos, como outros autores de telenovela, não conseguiu ainda transmitir a essência do que a representação de uma atriz negra é performaticamente tão importante, quanto a performance de uma atriz branca.

A sociedade traz consigo o preconceito da própria sociedade, ou seja, a negritude é fadada à hipocrisia de um país miscigenado, onde em cada lar existe pelo menos um afrodescendente dentre seus entes familiares.

Fazer novela para público branco não existe, já que não somos um país de raça “pura” e acreditamos que nem exista esse país. O que acontece é uma sociedade norteadada pela ideologia do branqueamento, do emagrecimento, do enriquecimento, o que faz com que as outras ideologias fiquem em segundo plano, além do complexo de inferioridade que o segmento baixa renda afrodescendente ainda possui.

Ainda existe na sociedade uma consciência coletiva e a nosso ver muito contraditória de ser uma raça inferior que deve somente aceitar os lugares subalternos intermediários do mundo capitalista e social.

Vimos no primeiro capítulo a representação ainda tímida do negro por meio de experiências culturais, mas ressaltando aqui que o negro é um ser histórico, político, social e sua relação com o mundo é fadada ao estereótipo e a desigualdade.

Quando se fala de identidade no trabalho, queremos ressaltar que o conceito nada mais é de como o negro, o afrodescendente, a mulher negra, reagem em relação ao seu passado, se eles têm consciência de suas raízes. O afrodescendente deve ter sua auto afirmação fundamentada em saber quem ele é, para si próprio, para sua família, para o trabalho e para o mundo.

No segundo capítulo pudemos conhecer um pouco da teledramaturgia, de como as novelas de época utilizaram alguns personagens negros, mas nada tão expressivo e em uma época que as emissoras eram patrocinadas por empresas

como a “Colgate”, que manipulava o que deveria ser feito para que não manchasse seu bom nome, influenciando assim as pessoas transmitindo muitas vezes aquilo que era conveniente na época, fazendo até um homem branco interpretar um negro em uma telenovela.

Mas, ao longo dos anos tem mudado a postura de alguns autores e o público, por meio de suas tramas, está vendo com bons olhos a participação dessa parcela da população. Há muito a avançar. Atrizes como Taís Araújo e Maria Ceïça, dentre outras atrizes que estão representando as mulheres negras neste trabalho ainda vão ter que lutar muito para terem um espaço na mídia, por mérito e não por conveniência na televisão brasileira.

Camila Pitanga, por exemplo, já abriu seu espaço na mídia, e interpreta papéis importantes na Rede Globo, mas não podemos somente tê-la como referencial. Devemos nos lembrar de Ruth de Souza e outras grandes atrizes que marcaram uma época pela coragem de começar esse trabalho, e identificar que existem muitas famílias negras no Brasil que também são bem sucedidas, buscam o ideário de crescer e convivem normalmente na sociedade, até porque se você questionar negros e afrodescendentes muitos acham que não existe nenhum racismo.

Por fim, é interessante analisar o perfil do autor que escreve essas tramas, como Manoel Carlos, nas quais ele tem a idéia de apresentar no horário nobre suas “Helenas” brancas, independentes, ousadas, guerreiras, aclamadas pelo público, mas que ainda não conseguiu captar a essência da mulher afrodescendente em suas “Helenas”.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Telenovela, consumo e gênero: música mais coisas**. Bauru: EDUSC, 2003.

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira** – 2ª Ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004.

CALZA, Rose. **O que é telenovela**. São Paulo: Brasiliense: 1996.

COUTINHO, Lucia Lerner. **Antonia sou eu. Antonia é você: Identidade de mulheres negras na televisão Brasileira**. III. Mostra de Pesquisa da Pós Graduação. Porto Alegre: PUCRS, 2008.

CAMPEDELLI, Samira Yussef. **A Telenovela Brasileira**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

FERNANDES, Ismael. **Memória da telenovela brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____ **Loucuras e Representações Sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

KAMEL, Ali. **Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

KEHL, Maria Rita. “Eu vi um Brasil na TV.” In: COSTA, Alcir; SIMÕES, Inima; KEHL, R. **Um país no ar: história da TV brasileira em três canais**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. (Coleção MPB, 9). Rio de Janeiro: FUNARTE/Divisão de Música Popular, 1983.

RACISMO NO BRASIL: PERCEPÇÕES DA DISCRIMINAÇÃO E DO PRECONCEITO NO SÉCULO XXI – 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

RODRIGUES, Luciana. **Uma questão de cor. Trama das 21h chama a atenção para um velho problema social: o racismo!** – Papo Sêrio. TV Brasil. São Paulo: Editora Escala, 2011.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. Revisão e prefácio de Homero Pires; notas bibliográficas de Fernando Sales. 4ª ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INI, 1976.

TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular de índios, negros e mestiços**. Petrópolis: Vozes, 1972.

INTERNET

A ESCRAVIDÃO NO BRASIL. Disponível em < www.cultseraridades.com/resenhas-detalh.php?id101&A=Escavid%C3%B3+++NO+++BRASIL>>. Acesso em 01/08/2016.

AGUIAR, Lilian. **As conseqüências do fim da escravidão no Brasil**. Disponível em < escolakids.uol.com.br/asconseqüências-do-fim-da-escravidao-no-brasil.htm> Acesso em 01/08/2016.

AIRES, Aliana Barbosa. **A Teleficção brasileira ensinando a consumir.** Disponível em <www.espmbr/download/AnaisComunicon2014/gts/gt_nove/gto_AIRES.pdf> Acesso em 01/08/2016.

ANDRADE, DANUBIA. **As muitas faces (ou fases) das personagens negras em telenovelas brasileiras.** Disponível em <www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontrosnacionais-6ºencontro-2008-1/As%/20muitas%20faces> Acesso em 08/05/2016.

ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA NEGRO GUERREIRO/BARBALHA. Ceará-Brasil. (2016). Disponível em capoeiranegrogblogs.pot.com.br Acesso em 05/08/2016.

BARROS, Marcos Paulo de Araújo. **Favela e representações de identidade: estereótipos em Viver à Vida.** Disponível <www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual>. Acesso em 09. 11. 2016.

BISPO, Eduardo. **Resumo à Escravidão no Brasil 20 linhas.** Disponível em <brainly.com.br/tarefa/7466489> Acesso em 08/08/2016.

BREVE HISTÓRICO DOS MOVIMENTOS NEGROS NO BRASIL. Disponível em <www.ifg.edu.br/igualdaderacia/index.php/historico>. Disponível em 05/08/2016.

CICONELLO, Alexandre. **O desafio de eliminar o racismo no Brasil: A nova institucionalidade no combate à desigualdade racial.** Disponível em portaldoservidor.ba.gov.br/sites/default/files/racismo%202/texto%20do%20Pec.pdf Acesso em 08/08/2016.

DECRETO 6509 DE JUNHO DE 2008. Disponível em www2camara.leg.br/.../decret/2008/decreto-6509-16-julho-2008-57821 Acesso em 02/08/2016.

DIFERENÇA CAI EM 2015, MAS NEGRO GANHA CERCA DE 59% DO SALÁRIO DO BRANCO. Disponível em <economia.uol.com.br/empregos-e-carreira/noticias/redação/2016/01/08/diferença-cai-em-2015>. Acesso em 25/10/2016.

ENREDO BAILA COMIGO. Memoria Globo. Disponível em memoriaglobo.com/programas/entreterimento/novelas/baila-comigo/trama-principal.htm. Acesso em 04/11/2016.

ESCRAVIDÃO. Disponível em meublog76.blogspot.com.br/2016_03_01_archive.html > Acesso em 08/08/2016.

ESCRAVIDÃO. Disponível em www.sohistoria.com.br/ef2/culturaafro/p1.php > Acesso em 08/08/2016.

FERNANDO, Cláudio. **Escravidão: O que você conhece da história negra no Brasil?** Disponível em claudihistoria.blogs.pot.com.br/2011/12/escravidao.htm > Acesso em 08/08/2016.

FERREIRA, Marcio J.S. (2013). Disponível em http://www.trabalhosgratuitos.com/outras/diveros/atps-organizacao_social-311544.htm > Acesso 08/08/2016.

FIRMO, Jônatas. **Liberdade Afinal.** Disponível em jonatasfirmo.blogspot.com.br/2016/10/liberdade-afinal.html > Acesso em 08/08/2016.

FRANÇA, Alex Santana. **Da cor do preconceito: o negro na teledramaturgia brasileira.** Disponível em africaeafricanidades.com.br/documentos/01112010_24.pdf > Acesso em 05/08/2016.

HOFFMANN, Juhan. **A Escravidão nas Charqueadas.** Disponível em grimbergempelotas.blogs.pot.com.br/2011/10/escravidao-nas-charqueadas.html > Acesso em 08/08/2016.

INFORMÁTICA EDUCATIVA NA ESCOLA FRANCISCO ZILLI. A COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA PORTUGUESA-A COLONIZAÇÃO DO BRASIL. Disponível em infofranascolzilli.blogspot.com.br/2016/09/-a-colonizacao-da-america-portuges_29.htm > Acesso em 05/08/2016.

LEI BILL ALBERDEEN. Disponível em www.estudopratico.com.br/bill-alberdeen >. Acesso dia 01/08/2016.

Lei 581 de 4 de setembro de 1850. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM581.htm>. Acesso em 01.08.2016.

Lei 2040 de 28 de setembro de 1871. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM2040.htm> Acesso em 01.08.2016.

Lei 12288/2010. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007/2010/Lei/12288.htm>. Acesso em 11/09/2016.

LEI 12314 DE 19 DE AGOSTO DE 2010. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Lei/12314.htm>. Acesso em 02/08/2016.

MARINHO, Ilce. **A novela Baila Comigo.** 35 anos. Disponível em <ilcemarinho.blogs.pot.com.br> Acesso em 04/11/2016.

MEDEIROS, Ms. Maria da Glória e utra. **O Fim da escravidão e suas consequências.** Disponível em <www.unicap.br/coloquio dehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4/Col_p.309.pdf> Acesso em 05/08/2016.

NOVELA FELICIDADE. Disponível em <memorialglobo.com/programas/entreterimento.novelas/felicidade/trama-principal.htm> Acesso em 04/11/2016.

OS 35 ANOS DE “A CABANA DO PAI TOMÁS”, QUE TEVE UMA PROTAGONISTA NEGRA. Disponível em <www.tribunapr.com.br> Acesso em 01/08/2016.

PLAGIUM. Disponível em <www.plagium.com.br> Acesso em 09/11/2016.

PONTES, Warley. TV Abordo. **Entrevista com Maria Ceíça.** Disponível em <www.tvabordo.com.br/2015/04/Maria-ceiça-estou-cansada-de-ouvir.htm> Acesso em 04/11/2016.

Reflexão Geral. O negro na mídia – Limitação e Estereotipação/2011. Disponível em <www.reflexaogeral.com.br/2011/07/0-negro-na-midia-limitacao-e-html>. Acesso em 25/10/2016.

SANTANA, Juliana Mendes. **A Representação da mulher negra na teledramaturgia Brasileira. Um olhar sobre a Helena Negra de Manoel Carlos.** Disponível em monografias.brasilecola.uol.com.br/arte/cultura/a-representacao-da-mulher-negra-na-teledramaturgia-brasileira.html Acesso em 04/11/2016.

SACRAMENTO, Maria Pereira (org.). **Coleção Cadernos de Aula. Estudos Comparados de Língua Portuguesa.** 7ª edição. Editora UESC. Disponível em www.uesc.br/editora/livrosdigitais_2014513/caderno_de_aula_7_estudo%20comparado.pdf Acesso 08/08/2016;

SAGRADO REDE DE EDUCAÇÃO – ROTEIRO DE ESTUDO 8 ANO. PG2. **Disponível** http://sagradoctba.redesagradoul.com.br/wp-content/uploads/sites/4/2012/03/roteiro_estudos_8_ano_1332526100.doc. Acesso em 08/08/2016.

SILVA, Maria Nilza. **A mulher negra.** Revista Espaço Acadêmico - Ano II – Nº.22 – Março de 2003 – Mensal –ISSN 1519.6186. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm> Acesso em 05/08/2016.

_____. **A mulher negra.** Blog Diretoria de Combate ao Racismo da União Nacional dos Estudantes (2010). Disponível em unecombateao racismo.blogspot.com.br/2010/03/mulher-negra.html Acesso em 08/08/2016.

SILVA, Samara Araújo da. **A Personagem Negra na Telenovela Brasileira: “Viver a Vida” e a Primeira Protagonista Negra no Horário Nobre da Globo.** Disponível em www.portalintercom.org.br/anais.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0005-1.pdf Acesso em 07/09/2106.

SOMOS TODOS IRMÃOS (REDE TUPI). Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/somos_todos_irmãos_\(Rede_Tupi\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/somos_todos_irmãos_(Rede_Tupi)) Acesso em 08/08/2016.

SOUZA, Robério S. **A Igualdade que não veio.** Disponível em www.zuol.com.br/historiaviva/reportagens/a_igualdade_que_nao_veio.htm Acesso em 08/09/2016.

SUA PESQUISA.COM. Disponível em www.suapesquisa.com/historiadobrasil/escravidão.htm Acesso em 06/08/2016.

XAVIER, Nilson. **Historia de Amor**. Disponível em <www.teledraturgia.com.br/historia-de-amor/> Acesso em 04/11/2016.

COLOMBO JÚ. atriz global > depoimento. 06/08/2016.

ANEXOS

FIGURA 1. LILIAN LEMMERTZ



FIGURA 2. MAITÊ PROENÇA



FIGURA 3.REGINA DUARTE



FIGURA 4. VERA FICHER



FIGURA 5. CHRISTIANE TORLONI



FIGURA 6.TAÍS ARAÚJO

